

Medicina em versos no Rio de Janeiro oitocentista: os escritos de Luís Vicente de Simoni

Poetry and Medicine in 19th century Rio de Janeiro: Luís Vicente de Simoni's writings

ANITA CORREIA LIMA DE ALMEIDA

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro | UNIRIO

RESUMO Em 1817, o médico italiano Luís Vicente de Simoni chegou ao Rio de Janeiro, onde viveu por mais de seis décadas, até sua morte, em 1881. Durante o tempo em que trabalhou nas instituições de saúde desta cidade, De Simoni também atuou nos campos da tradução e da produção literária, e alguns de seus escritos foram voltados para temas médicos. O presente artigo examina esses escritos, procurando sondar as diversas articulações entre medicina e literatura presentes na obra do médico oitocentista.

Palavras-chave medicina oitocentista – poesia satírica – tradição médico-literária.

ABSTRACT In 1817, the Italian physician Luis Vicente de Simoni arrived in Rio de Janeiro, where he lived for more than six decades, until his death, in 1881. In the city, while working in health institutions, he made translations and wrote literary pieces, some of them about medical themes. The aim of this paper is to understand the articulations between medicine and literature in these pieces.

Key words medicine in 19th century – satiric poetry – medical-literary tradition.

267

Introdução

Luís Vicente de Simoni nasceu na Itália, em Novi Ligure, ducado de Gênova, em 24 de setembro de 1792. Aos seis anos de idade foi estudar no Colégio de São Jorge, de padres regulares, onde seu pai era farmacêutico.¹ Concluídos os estudos secundários, De Simoni ingressou na Universidade de Gênova. Em 1815, aos 23 anos, estava formado em Medicina, e dois anos mais tarde desembarcava no Rio de Janeiro. Na corte joanina, foi trabalhar no Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Durante os três primeiros meses na cidade, morou no navio em que viajara, um brigue chamado *Isabella*, propriedade de um rico comerciante genovês. De Simoni tinha sido hóspede na casa da família do comerciante enquanto era estudante em Gênova. O homem desejava enviar um de seus barcos ao porto do Rio de Janeiro, com peças de alabastro e outros objetos valiosos, mas não queria confiar todo o seu negócio apenas ao capitão do navio. O jovem médico foi convidado a viajar para acompanhar a venda das mercadorias e para permanecer na cidade, caso achasse conveniente. No Rio de Janeiro, procurou emprego no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, a tradicional instituição de mais de dois séculos na cidade. Como contou mais tarde, concluída a venda das mercadorias: “deixamos o navio

poucos dias antes de sua saída deste porto, e trouxemos dele para o hospital da santa casa a nossa cama, o nosso baú e a nossa pequena biblioteca, pouco mais ou menos nos fins de setembro de 1817”.² Segundo sua própria narrativa, em nota biográfica que publicou na década de 1850, foi assim que veio da Europa para a América Portuguesa.

Pouco tempo depois de chegar ao Rio, De Simoni foi nomeado físico-mor em Moçambique. Em setembro de 1819 já estava na possessão africana, onde ocupou o cargo no Real Hospital Militar da Ilha até meados de 1821.³ Depois desse curto período na África, retornou ao Rio de Janeiro, a cidade onde exerceria a profissão de médico por seis décadas, trabalhando até poucos anos antes de morrer, em setembro de 1881, com quase 89 anos de idade.

Além de atuar no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, do qual ele acabaria por se tornar diretor médico,⁴ De Simoni também trabalhou no Hospital de São Francisco de Paula⁵ e no Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência; e, paralelamente, clinicou em seu consultório. Além disso, em 1829, esteve na criação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, depois transformada em Academia Imperial de Medicina.⁶ Participou ativamente da vida da Academia exercendo o cargo de secretário e, em alguns momentos, o de editor dos *Annaes Brasilienses*, a publicação da instituição. Foi autor de muitos escritos sobre medicina, desde a *Memória sobre o fim para que serve a aderência do pericárdio ao diafragma*,⁷ que parece fazer parte de seus primeiros escritos, até numerosos artigos médicos e estudos de casos clínicos, que editou no *Semanário de Saúde Pública*, na *Revista Médica Brasileira* e, mais tarde, nos *Annaes da Academia*.⁸ Também escreveu pareceres médicos, como o *Parecer da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro sobre a febre epidêmica que ocorreu em 1828 e 1829 em Magé e Macacu*, que redigiu na qualidade de secretário da comissão nomeada para o exame do assunto, assim como foi encarregado da elaboração de numerosos relatórios sobre os trabalhos da Academia. Como resultado de sua experiência em Moçambique, deixou um manuscrito, o *Tratado médico sobre clima e enfermidades de Moçambique*. Era sócio de academias médicas estrangeiras e possuía os títulos de cavaleiro das Ordens de Cristo e do Cruzeiro e de oficial da Ordem Imperial da Rosa.

Enfim, essa parece ser a trajetória do médico bem-sucedido no Rio de Janeiro do século XIX. Mas essa não foi a sua única ocupação. Paralelamente a todo o seu empenho na medicina, De Simoni voltou-se também para a produção literária e a tradução. Ou, como escreveu Sacramento Blake no verbete que dedicou a ele: “Bem que médico e clínico, cultivou sempre as letras amenas, principalmente a poesia; nas festas da inteligência, da amizade, do patriotismo e da beneficência sua musa o inspirava sempre”.⁹

Tendo aprendido com perfeição a língua portuguesa, traduziu um amplo conjunto de poetas italianos. Publicou, em 1842, o livro *Gemidos poéticos sobre os túmulos*,¹⁰ obra formada pela tradução de poetas italianos que escreveram sobre o sepulcro, e com alguns poemas próprios sobre os túmulos no Rio de Janeiro. Em 1843, publicou *Ramalhete poético do parnaso italiano*,¹¹ com a tradução de trechos de mais de vinte poetas italianos: clássicos como Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso, ou nomes como Metastásio ou Monti, com notas biográficas sobre os autores traduzidos. De acordo com seus biógrafos, De Simoni ensinou latim e italiano no Colégio Pedro II e, ainda na Itália, foi sócio da Academia Literária dos Concordeiros, utilizando o nome árcade de Dermino Lubéo. De Simoni escreveu vários poemas e traduziu inúmeros outros, mas nada se compara ao sucesso que alcançou com a tradução de óperas, a ponto de o seu nome virar quase sinônimo de óperas italianas na cidade. Ele já havia morrido há quinze anos quando Machado de Assis publicou uma crônica em que dizia: “A Ópera Nacional foi uma instituição que aqui houve para cantar óperas italianas, traduzidas pelo De Simoni. Quando menos pensava deu-nos o Carlos Gomes... Se todas as instituições deixassem assim alguma coisa... Bons Tempos!”.¹²

A trajetória de De Simoni alia medicina e poesia, dois campos que na tradição ilustrada, e mesmo no século XIX, antes da especialização dessas áreas, não estavam tão afastados como se tornariam mais tarde.¹³ E para citarmos um exemplo do próprio Rio de Janeiro, podemos citar a Sociedade Literária, criada na cidade em 1786. A Sociedade se considerava herdeira da Academia Científica da cidade, que tinha sido criada por um médico em 1772 e já estava extinta. De acordo com os Estatutos da Sociedade Literária, seus sócios deveriam dedicar-se a diversas “Ciências”: às Matemáticas, à Medicina e à Cirurgia, à História Natural, à Física, à Química, à História, à Geografia e às Belas-Letras. Por sua vez, a Academia de Ciências de Lisboa (1779) dividia originariamente seus estudos em três classes: duas de Ciências, Naturais e Matemáticas, e uma de Belas-Letras.

Do mesmo modo, não eram incomuns exemplos de médicos que, paralelamente à atuação na prática médica ou nos estudos de medicina, atuavam na produção literária, escrevendo ou traduzindo. E como exemplo de um caso próximo de De Simoni, podemos apontar António José Lima Leitão (1787-1856), que foi físico-mor de Moçambique antes de De Simoni assumir o cargo em seu lugar. Formado na Universidade de Paris, Lima Leitão teve uma longa e atribulada carreira em Portugal, e foi um dos fundadores da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.¹⁴ Escreveu sobre temas médicos e atuou no jornalismo médico, mas também foi poeta e tradutor. Conhecedor de várias línguas, estão entre os seus trabalhos de tradução o *Paraíso Perdido*, de John Milton, e a *Arte Poética*, de Horácio.

De Simoni trabalhou nas instituições médicas da cidade por um longo período de tempo – como já foi dito, ele chegou ao Rio em 1817 e morreu na década de 1880 – e certamente acompanhou as transformações pelas quais a medicina passou ao longo do século XIX e a maneira como essas mudanças foram aqui vividas. Ele participou da vida da Academia de Medicina desde o seu nascimento, assistindo aos momentos de auge e de decadência da instituição. Neste sentido, a história da trajetória de De Simone como médico, ainda pouco estudada, fornece elementos para o conhecimento dessas transformações. A proposta aqui, no entanto, é a de examinar apenas essa faceta particular de sua vida – a da ligação entre a medicina e a literatura – chamando a atenção para algumas de suas produções literárias voltadas para assuntos médicos.

A poesia a serviço da medicina

Como poeta, De Simoni pôs os seus talentos a serviço da Sociedade de Medicina desde os primeiros tempos. Na sessão pública de instalação da Sociedade, em 24 de abril de 1830, em que se deu o anúncio do decreto imperial de aprovação da instituição, recitou uma *Ode*, conforme declarou mais tarde,¹⁵ que compôs em latim e em português, para saudar a criação da sociedade de médicos na corte do império. Durante a solenidade, foi lido o decreto imperial e o médico “Dr. [Cruz] Jobim recitou um discurso sobre a utilidade das sociedades científicas, e principalmente sobre os benefícios que o Brasil devia esperar da que naquela ocasião se instalava”. O discurso “acabou com as palavras ‘Viva Sua Majestade Imperial Protetor das Ciências’, que foram repetidas com grave e respeitoso entusiasmo por todo o auditório”;¹⁶ formado, segundo a ata da sessão, por mais de trezentas pessoas. A *Ode* de De Simoni afirmava:

Arte a divina, que nos dá tal sorte,
E com ervas, e mão habilidosa.
Cruéis males expele, contra a Morte
Mui poderosa.
[...]
Sabes PEDRO o poder desta divina
Arte, e o sabem teus Povos, que, alegrados,
Teus dias, e o Brasil de atroz ruína
Viram salvados.
Pesar não tenhas que Teu Nome seja
Sublime auspício a quem em si descobre
Chama social, que melhorar deseja
Arte tão nobre.
Despreze o Trono a vergonhosa queixa
Da gente que detesta a claridade:
Deixa, é já tempo, a inerte chusma deixa
Na escuridade.

[...]

Será pelo orbe vasto um sol brilhante
A tênue luz por jovens mãos criada,
Pelo amor do saber, pelo IMPERANTE
Sempre escudada.

Estava fazendo um ano desde que os médicos José Francisco Sigaud, Joaquim Candido Soares de Meirelles, João Mauricio Faivre, José Martins da Cruz Jobim e De Simoni se reuniram na casa do Dr. Sigaud para a primeira reunião preparatória de criação da Sociedade. Segundo as atas das reuniões preparatórias, publicadas mais tarde no *Semanário de Saúde Pública* da Sociedade, “tendo em vista as grandes vantagens, que a todas as nações civilizadas têm resultado da instituição de sociedades científicas, principalmente daquelas que se dedicam às ciências Médicas”, os médicos reunidos “resolveram de empregar suas luzes e esforços para efetuar nesta muito leal e heróica Cidade do Rio de Janeiro, a instituição de uma Sociedade de Medicina”. A Sociedade seria “destinada a promover a ilustração, progresso e propagação das Ciências Médicas, a socorrer grátis com seus conhecimentos e conselhos os pobres nas suas enfermidades, e a beneficiar geralmente a humanidade, favorecendo e velando a conservação e melhoramento da Saúde Pública”. E, como não poderia deixar de ser, “tudo debaixo da Autorização e Proteção do Governo” pois, “tratando-se de uma instituição, tão manifestadamente útil à humanidade e ao estado, era de esperar que não só [o governo] aprovaria a resolução que se tomava, mas a auxiliaria com os meios poderosos e eficazes que tem à sua disposição”. Agora, na instalação pública da Sociedade, a *Ode* de De Simoni usava a velha metáfora da luz e da sombra para louvar o soberano e, ao mesmo tempo – como era uso na poesia laudatória – reafirmar o que os médicos reunidos esperavam do imperador, no campo da saúde pública.¹⁷

270

Na agenda de pesquisas sobre as doenças locais e de atuação na melhoria das condições da saúde pública, formulada pelo grupo que criou a Academia de Medicina, estavam compreendidos, como observou Flavio Edler, tanto o desejo de inovação científica no campo do diagnóstico e da terapêutica como o trabalho de “identificação dos agentes deletérios ambientais que se acreditava estarem implicados a produção das doenças próprias ao nosso clima”; e, ainda, a tentativa de “adequação das medidas profiláticas propugnadas pela Higiene às condições nacionais”.¹⁸ Tendo em vista a relação estreita que se julgava existir entre a saúde e as condições específicas de determinado meio, passam a ocupar um lugar central para o pensamento médico as configurações urbanas e suas condições sanitárias. Ao mesmo tempo em que os vilões iam sendo detectados pelos médicos – águas estagnadas e mangues pestilentos, precário esgotamento das águas servidas, sepultamento no interior das igrejas, abatedouros e oficinas consideradas nocivas presentes no espaço urbano, ventilação insuficiente na cidade¹⁹ –, eram esperadas medidas saneadoras a serem tomadas por parte dos poderes públicos.

Seguindo na utilização de seus talentos literários na luta pela promoção da saúde pública no espaço urbano, de acordo com as concepções da época, De Simoni se serviu não apenas da poesia laudatória, mas igualmente de outros gêneros, como a sátira e a poesia didática. E também parece ter experimentado os vários meios de difusão da poesia, composta para a publicação, em livros, jornais ou separatas, mas também frequentemente recitada, em eventos solenes ou não. Entre seus papéis manuscritos conservados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, há, por exemplo, o poema satírico *Sobre o estado anti-higiênico da Cidade do Rio de Janeiro por incúria e descuido da autoridade pública*; o poema não tem data, mas contém a seguinte explicação: “Sátira escrita anteriormente aos melhoramentos atuais, e ultimamente retocada sem nada alterar o que dizia respeito ao estado higiênico e moral do Rio de Janeiro naquela época”.²⁰ A sátira falava:

Estupidez, que glorioso reino
Já tivestes nas margens do Mondego
Onde o domínio teu tão poderoso
Já de um belo poema as honras teve.²¹

Como no poema de Francisco de Melo Franco, *Reino da Estupidez*, a que De Simoni parece estar se referindo, a deusa “Estupidez” anda a procura de um novo pouso, “Onde possas gozar no Novo Mundo/As delícias, a paz e o bom descanso”. O poema descreve as possibilidades do novo pouso:

Na América do Sul onde se estende
Por milhares de milhas n’uma costa
E pelo interior um grande Império
Tens para aqui reinar no mor sossego,
Imensa terra, que Brasil se chama.²²

No Brasil, a Estupidez encontra “uma grande cidade”, com “sujidades das ruas, das praças e das praias”, e até os “noturnos barris”, “Por cruéis ao nariz tigres chamados”, que “De mui cheiroso aroma encham os ares”, sem que a autoridade jamais sinta, ocupada em “dinheiro ganhar por qualquer modo”:

E fazer eleições e vis intrigas
Para empregos obter, e grandes meios
Para ser do chiqueiro o maior porco.²³

Na cidade, o público está exposto a “charlatães e mezinheiros, traficantes, falsários”, e a uma “mixórdia de drogas sem ação”,²⁴ vendidas a preços exorbitantes. Afinal, então, a Estupidez tinha achado novo refúgio:

Um povo acharás tu que te proclame
E sustente por sua soberana
Para do manto teu sobre o agasalho
Fazer tudo de mau, de vil, e infame,
Que lhe der no capricho, ou lhe sugira
O interesse, a paixão, e para nunca
Fazer-se o que útil fora, e que melhore
Do Estado e da Nação a triste sorte.²⁵

As imundícies se impunham, os charlatães prosperavam.²⁶ E o poder público, de quem se esperava a ação de sanear a cidade, era ineficiente. Pelo menos parecia ser assim para outra das composições do maço intitulado *Poesias satíricas pelo Dr. Luiz Vicente De Simoni*, o poema *A polícia e a limpeza*:

A Polícia nesta terra
É coisa que anda na berra
Tudo ela faz com tal tino
Que nem o mesmo Divino
Espírito Santo do Céu
Deixar poderá, em matéria
De perspicácia mui séria
De lhe tirar o chapéu.
[...]
Pois afinal foi achado
Por ela neste mundo
Com a maior sutileza
Um sistema de limpeza
Da freguesia da Glória

E mais da de São José
Digno de eterna memória
[...]
Em cestos lá vai o lixo
Ou de madeira em caixões
Carregado até os lugares
Onde grandes carroções
Postados à sua espera
Hão de, sem dele ter nojo,
recebê-lo no seu bojo,
Nella più gentil maniera
Para o levar, não sei onde
Mas de certo mui distante
Desta cidade exultante.
[...]
Não recorre o examinar
Como hão de os moradores
O tal lixo lá mandar
Aos carroções receptores
Pois nisto um pouco pensar
Julgou escusado a Polícia
[...]
Que tanto nos tem amor
E cuida a todos nos por
Com zelo, cuidado e siso
N'um terreal paraíso.²⁷

272

Em meio aos mesmos documentos, outro poema, e de igual tópico: a inoperância das ações da Polícia, a instituição que deveria ser responsável pelo saneamento da cidade. Aqui a sátira do médico volta-se contra a legislação da Câmara, considerada ineficiente e mal planejada. Por intermédio das posturas municipais (1830), especialmente do Título III da Seção Segunda – “Sobre limpeza, e desempachamento das ruas, e Praças, e providências contra a divagação de loucos, e embriagados, e de animais ferozes, e os que podem incomodar o Público” –, a Câmara tinha procurado combater o problema da sujeira acumulada nas ruas da cidade, determinando: “§ 1º Todos os moradores desta Cidade, e seu Termo, serão obrigados a terem limpas as testadas [= frentes] de suas Casas, e Chácaras: os infratores serão multados em 1\$ a 2\$000 rs. [...]”. O § 2º determinava: “Ninguém poderá depositar nas ruas, ou Praças, e estradas, ciscos águas, animais, ou aves mortas, nem qualquer outro objeto, que suje as mesmas, sob pena de pagarem de 2\$ a 8\$ rs. de multa”. E finalmente – o que serviu de mote para a sátira – “não constando quem depositou na rua tais objetos, ficarão incursos nas penas os moradores, em cujas testadas forem encontrados, ficando a estes salvo o regresso contra os culpados”.²⁸ A sátira de De Simoni dizia:

Uma célebre Postura
da Nossa Ilustríssima
posta em efetividade
pela sua[?] Polícia.
Quem na rua não botou
Nem cisco, nem imundícies
Pague por quem perpetrou
Essa infração com malícia;

E pague já sem demora,
Sem haver exame algum;
E depois pleiteia embora,
Mesmo sem meio nenhum
Contra o maroto vizinho
Que despejou seu cestinho
Sobre a próxima testada
Estando a noite adiantada,
Quando não andam na rua
Sereno, ronda ou patrulha
E o velhaco fez sem bulha
Essa esperta falcatrua.
Que importa à Dona Polícia
À Ilustre Câmara, ao fisco
Quem foi que botou cisco,
Contanto que mui propícia
A multa venha aumentar
A riqueza do seu cofre?
Nada aqui de resmungar:
Pague o inocente de chofre,
E perca embora o dinheiro
Porque o vizinho matreiro
A coisa fez de maneira
Que o não podem condenar
Tanto andou co'a mão ligeira
Em seu cisco despejar?
[...]
Neste século de luzes,
Neste país de progresso.
[...]
Nesta terra de justiça,
De liberdade e moral,
A lei, que sempre é postiça
E cura o mal com o mal
Como faz a Homeopatia
Dispensa a todo fiscal
E autoridade mais pia
Do trabalho de indagar
Quem o crime perpetrou:
Só lhe incumbe de multar
A quem perto se lhe achou
Sinal patente na rua
De culpa, embora não sua;
Dispensa-os mesmo de ouvir
Quer uma, quer duas partes,
Só lhes incumbe o punir,
[...]

Depois de pagar a quantia,
Havê-la de quem devia
Pagá-la como infrator
Nisso ninguém deve pôr
Nem o mínimo cuidado;
Pois, quando esteja cobrado
O quantum da multa imposta,
Fica a pública saúde
Em segurança já posta
E posto no mal um agude
E um dique como os da Holanda...!
E nada mais a lei manda.
Paga e recebida a multa,
Tudo nela se sepulta,
E todo o mal já causado
Fica esquecido e sanado;
Pois segundo a tal postura
Não é preciso outra cura,
Visto o rifão verdadeiro
Que a tudo sana o dinheiro.²⁹

274

A poesia satírica também foi usada por De Simoni como arma na polêmica com outros médicos. Na década de 1850, ele se envolveu em uma disputa com o médico João José de Carvalho, professor de “Matéria médica e Farmácia” da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e também membro da Academia Imperial de Medicina. O Dr. Carvalho publicou o artigo “Estatística geral do hospital municipal durante o anno de 1850, acompanhada de reflexões”, na *Gazeta dos Hospitais* (1851),³⁰ e recebeu uma crítica severa de De Simoni publicada nos *Annaes Brazilienses de Medicina*. A crítica foi respondida pelo Dr. Carvalho que, por sua vez, acusou De Simoni de não ser verdadeiramente médico. De Simoni então publicou um conjunto de documentos comprobatórios, como o seu diploma da Universidade de Gênova, e outros, nos *Annaes*. Entre as composições satíricas de De Simoni algumas parecem dedicadas a este seu opositor, mencionando um “Dr. Carvalho”, que estaria ensinando a seus alunos o uso do choque elétrico como uma panaceia para curar todas as doenças, e que teria estudado em Rostock (Alemanha) e em Paris e retornado ao Brasil para exercer o charlatanismo, como no poema *O Doutor feito em Rostock*.³¹

O Doutor feito em Rostock
Estudou o *hic haec hoc*
E depois lá por Paris
Na farmácia ficou gris
[...].
Ao lar pátrio enfim tornado
Mostrou ter aproveitado
As lições desta mestrança
De que hoje é [ilegível] a França
Pois de tudo co’a ciência
Procurou obter a essência
De que encheu para vendê-la
Garrafinhas muito belas
Que a quem quer que lh’as comprar

Do seu mal há de curar
Bem que já esteja torto
Entrevado, e até já morto.
[...].
Isto é belo, isto é excelente
E não é ser charlatão:
É mostrar a toda a gente
Da esperteza a perfeição.
Viva pois eternamente
Desde o Prata ao Oyapock
Até mesmo quando mente
O doutor feito em Rostock.³²

Mas De Simoni não atuou apenas na poesia satírica destinada a criticar a ineficiência do poder público na área da saúde, a denunciar o charlatanismo e os preços abusivos, ou a criticar opositores. Ele também experimentou outras junções entre a medicina e a literatura, como no poema *Descrição da circulação pelo Dr. De Simoni*,³³ publicado em 1852, que descreve a circulação sanguínea; e que talvez pudesse ser considerado como uma espécie de obra de feição didática, voltada para a divulgação do saber médico:

Enquanto o coração palpita em regra,
Por diástole e sístole ele é sempre
Alternativamente exercitado;
Nem esperança alguma de descanso
Sem perigo mortal jamais lhe fica.
Diástole se diz quando se alarga,
Sístole quando encolhe-se e se aperta.
[...].
O ventrículo esquerdo (o mais robusto)
Contraindo-se, aperta a recebida
Onda do sangue, e toda em jato a lança
No tronco principal da artéria aorta.
Levado deste impulso, então o sangue
(Franqueando-lhe as válvulas sigmóides
Passagem livre) invade deste vaso
O vão desimpedido: e prossequindo
Dos canos arteriais pelos caminhos,
Por avenidas mil ramificado,
Todas do corpo as partes penetrando,
Com seu vital humor as vai nutrindo:
[...].
Nas veias se introduz; e como em rios.
Que pouco a pouco vão crescendo, escorre:
[...].
Depois de todo refluxo, o sangue negro
Impelido com força entra na artéria
Do pulmão, que venosa foi chamada:
E aos raminhos vai ter mais delicados,

E às células, que o ar enche e dilata,
Introduzido ali pelo adjutório
Do tórax, e inspirado pelos brônquios.
Por isso, novamente o vemos belo
Voltar ao coração com a cor rubra.
[...]
E como quando rubro ele saíra
Pela abertura da mais grande aorta.

De Simoni atribuía um sentido particular e elevado a esse tipo de produção: a composição em versos sobre tema médico. Quando se envolveu na rixa já mencionada com o Dr. Carvalho, em 1851, fez publicar uma lista de documentos, como diplomas, exames e nomeações, para provar sua “legalidade médica”, arguida pelo opositor, que o chamou de “pseudo-médico”. Nas notas que acompanham a lista dos documentos, fez questão de escrever:

Pode-se fazer ideia dos conhecimentos anatômicos que já tínhamos antes de matricular-nos na Universidade, pela seguinte descrição em versos latinos que fizemos então das pleuras, a qual não é muito inferior a da circulação do sangue que depois fizemos em outra época, e que publicamos em outra ocasião.³⁴

A tradição médico-literária

As obras literárias que têm a doença, a dor ou a morte como tema, ou mesmo os tratamentos e as curas, são impossíveis de enumerar. Em seu estudo *Doença como metáfora* (1978), Susan Sontag observou que “o mundo antigo fazia da doença um instrumento da ira divina”. O julgamento era imposto a uma comunidade – a peste que ataca Tebas, em Édipo, em razão da presença contagiosa do rei pecador – ou a uma pessoa específica (a ferida fétida no pé de Filoctetes, da tragédia de Sófocles).³⁵ Para tomarmos outro exemplo, Boccaccio ambientou seu *Decameron* (1313-1315) na época da peste:

*[...] tínhamos atingido já o ano bem farto da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na mui excelsa cidade de Florença, cuja beleza supera a de qualquer outra da Itália, sobreveio a mortífera pestilência. [...] Na cidade de Florença, nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens. [...] E do mesmo modo como, a princípio, o bubão fora e ainda era indício inevitável de morte futura, também as manchas passaram a ser mortais, depois, para os que as tinham instaladas. Nem conselho de médico, nem virtude de mezinha alguma parecia trazer cura ou proveito para o tratamento de tais doenças.*³⁶

A peste inspirou muitos escritores. No século XIX temos, por exemplo, Alessandro Manzoni³⁷ e o surto milanês de 1630 (com *Os noivos*, de 1825-6) ou ainda a narrativa de viagem do inglês Alexander Kinglake, que visitou o Cairo na época da peste bubônica, e escreveu seu *Restos de viagem trazidos do Oriente* (1844).³⁸ Esses são exemplos de obras literárias que tomaram o tema da doença e da morte. O campo da sátira política, com assunto médico, também foi vasto. Em 1832, De Simoni traduziu e dedicou à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro o poema *Cholera-morbus*, do francês M. Barthelemy,³⁹ o que dá provas de seu interesse em colaborar para que esse tipo de produção fosse lida no Brasil.

Além da produção literária com tema médico, outros tipos de aproximação entre medicina e literatura foram comuns, atestando a variedade das imbricações entre esses dois campos, ao longo dos séculos.⁴⁰ Houve momentos, num caminho quase inverso, em que foi o discurso médico que se amparou numa tradição literária anterior. O exemplo mais famoso é o da sífilis. O nome da doença vem do poema publicado em 1530 pelo italiano Fracastoro (*Sífilis ou a doença francesa*). Syphilis é o nome do pastor que, tendo insultado Apolo, sofre a vingança do deus, e é punido com a doença.⁴¹ Fracastoro é frequentemente descrito como um humanista, a quem todo o conhecimento interessava: “Ao mesmo tempo em que a

medicina era sua paixão principal, ele também estudou astronomia, matemática, física, geologia, geografia, botânica”,⁴² e escreveu poesia. Como médico e poeta, célebre que era, ele esteve entre as referências de De Simoni.

No final da Idade Média surgiu na Itália a também famosa Escola Médica de Salerno. Entre as obras que a Escola produziu está o poema latino *Regimen Sanitatis Salernitatum* (1484). Conhecido por toda a Europa, escrito em versos, o poema era uma espécie de manual bem-humorado, que “recomendava evitar o vinho e o excesso de comida, não se preocupar muito, levantar cedo [...]”. Em suma, pronunciara o *Regimen*, “era preciso confiar em três médicos: o Doutor Descanso, o Doutor Alegria e o Doutor Dieta”.⁴³ Também podemos encontrar o conhecido – e curioso – manual da Escola de Salerno entre as referências de De Simoni.

No Relatório dos trabalhos realizados pela Academia Imperial de Medicina, de 30 de junho de 1868 a 30 de junho de 1869, redigido por ele por conta de suas atribuições como secretário da Academia, há um sumário das matérias médicas discutidas no período. A 10ª questão listada é a do “Dr. Gama Lobo, sobre a *Paulinia Sorbilis*, e o Guaraná, ou como os índios lhe chamam Uaraná, que dela se extrai e anda no comércio apregoado como útil nas diarreias e disenterias crônicas e como refrigerante tomado em pó em água com açúcar em forma de refresco”.⁴⁴ Em seu comentário, De Simoni afirma que o trabalho do colega, o Dr. Gama Lobo, deve ser considerado muito importante em função das observações terapêuticas, acompanhadas de experiências, que apresenta, mas, sobretudo, pelo fato de “fazer conhecer ao guaraná uma qualidade que, ignorada, poderia concorrer para causar um grande prejuízo e obstáculo ao aumento tão necessário da população do país”.⁴⁵ O médico tinha atribuído ao guaraná a propriedade de causar impotência nos homens.

Recheando seus comentários com referências literárias, De Simoni observa que a atribuição desta propriedade ao guaraná parece mais fundada que “a que ao café atribuía uma sultana, que não via na multidão do serralho, a causa real das poucas vezes que recebia visitas do sultão seu marido, e que ao café imputava esse seu prejuízo”.⁴⁶ Seguindo em suas observações, De Simoni cita a Escola de Salerno e, à moda da Escola, compõe dois versos em latim desaconselhando o uso do guaraná.

Finalmente, De Simoni também se serviu da literatura como um acervo de imagens poéticas a que era possível recorrer, fazendo uso de alusões e mesmo de citações de grandes obras da literatura nos seus textos médicos. Um exemplo pode ser retirado do estudo que compôs para tratar da importância da introdução de inovações no tratamento dos alienados na cidade. Apoiado nas ideias de Philippe Pinel e Jean-Étienne Esquirol, De Simoni publicou na *Revista Médica Fluminense*, em 1839, um artigo sobre a necessidade da criação de “um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados”.⁴⁷ Para reforçar seu argumento da necessidade de um lugar próprio para o tratamento dos doentes, descreveu as péssimas condições das repartições destinadas aos alienados no Hospital da Santa Casa, um espaço exíguo onde frequentemente ficavam confinados mais de quarenta doentes, misturados uns aos outros. As brigas, as pancadas e os gritos produziam um barulho constante e insuportável. E para conferir ainda mais dramaticidade à sua narrativa, recorreu à *Divina Comédia*, concluindo, assim, sua descrição dos espaços destinados aos alienados: “Esse lugar e outro semelhante na repartição das mulheres fazem lembrar aquele do inferno de Dante no canto III, do qual o poeta diz:

*Diverse lingue, orribili favelle,
Parole di dolore, accenti d'ira
Voci alte, e fioche, e suon di man con elle
Facean un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria.*

Diversas línguas, horrorosas falas,
Palavras de aflição, gritos de raiva,
Vozes altas, e fracas, som de murros
Faziam um tumulto, o qual circula
Sempre naquele ar”.⁴⁸

Voltando às produções médico-literárias escritas por De Simoni, a crítica especializada considera que a sua *Descrição em versos latinos e portugueses da circulação do sangue* pertence ao filão humanístico – na esteira da tradição médico-literária clássica,⁴⁹ de que certamente ele tinha largo conhecimento. Na verdade, é possível imaginar que ele se dedicou a várias estratégias paralelas. Por um lado, sua produção relacionada à medicina pode ser considerada como uma das ferramentas a que recorreu para ajudar a propagar as medidas que julgava indispensáveis para o melhoramento sanitário da cidade e, conseqüentemente, para a saúde de seus moradores. Foi assim quando fez uso da sátira para denunciar o que considerava incúria do poder público. Ao mesmo tempo, dedicou-se à perpetuação de uma herança clássica, a da tradição médico-literária, cuja difusão no Brasil traria benefícios a longo prazo no campo do conhecimento sobre a doença e a cura. O esforço da introdução da tradição médico-literária, por sua vez, precisava ser acompanhado de um conhecimento mais geral da cultura literária europeia, e sobretudo dos clássicos latinos e italianos. Mas, afinal, se havia meios variados e amplos – na medicina e na literatura – de colaborar para o progresso do país, eles estavam atrelados à existência de uma elite letrada, formada na tradição europeia. Homens como ele eram, portanto, especialmente talhados para uma missão como essa.

Últimas lutas

Seu já mencionado livro, *Ramalhete poético do parnaso italiano* (1843), oferecido a D. Pedro II e Teresa Cristina, uma princesa italiana, traz quatro poemas compostos por De Simoni dedicados aos noivos por ocasião da comemoração do casamento imperial, e ainda um prefácio, como introdução para as traduções dos grandes poetas italianos de que é formada a obra: “Da bela Itália o mimo/Mais belo e primoroso/Suavizando a vida/De PEDRO amante e esposo/Vai levar a doçura do Trono até à altura”.⁵⁰ O gosto da princesa pela música encontrará um Brasil onde esta arte é cultivada: “Não creias tu, que em meus silvestres montes/Só Tamoios eu tenha ou Botocudos/[...]/Aqui cantares tu verás sisudos”,⁵¹ e protegidos pelo trono. A esperança é a de que Pedro e Teresa “À nobre Poesia abram seu Paço”,⁵² unindo assim o já estabelecido interesse pela ciência ao gosto pela poesia; pois com “Almas ao Céu tão caras/[...]/Por elas vão as ciências/Aqui reinar co’as Musas/[...]/De PEDRO e de THEREZA/Esta vai ser a empresa”.⁵³

E a união do casal seria tão mais favorável ao cultivo da arte poética porque, como vem escrito no prefácio, as línguas dos noivos, o italiano e o português, são duas línguas-irmãs. De Simoni argumenta em seu prefácio que os melhores dias da língua e da literatura portuguesas foram justamente aqueles em que o estudo e o conhecimento do italiano eram usuais entre os escritores portugueses, e até entre seus leitores; e para reforçar seu argumento cita um verso em italiano que Camões não teria hesitado em usar em *Os Lusíadas*, seguro de que a língua italiana era compreendida por todos.⁵⁴

O italiano tinha sido importante durante o século de ouro da literatura portuguesa, separando essa língua da espanhola e criando um caminho próprio para a literatura portuguesa. Mais tarde, no entanto, a influência quase exclusiva do francês tinha posto em perigo o idioma português: “Então o galicismo invadiu a língua portuguesa por toda a parte, e em breve chegou a tal ponto que, minando-lhe o gênio, a ameaça de uma inteira destruição, que infalivelmente há de suceder, se a isso se não puseram obstáculos eficazes”.⁵⁵ De Simoni explica que não fala contra a influência do francês, de um modo geral, mas repudia a imitação servil: “Só me agonio, e só de raiva estalo/Pela moda servil e corriqueira”.⁵⁶

Na concepção dele, a maneira de lutar contra a “exclusiva influência sinistra” do francês era a “leitura, estudo e imitação dos clássicos latinos e italianos”. E nesse processo de salvação ele deu a sua contribuição, trabalhando incansavelmente na tradução dos libretos de óperas, e ajudando o Brasil no cultivo do gosto pelo “estudo da música e da cantoria italiana”; e até para o ensino da língua ele tinha colaborado, como professor de italiano no colégio Pedro II, embora julgasse que a introdução do gosto pelo italiano era uma batalha árdua e longa. Agora, no entanto, o casamento do imperador com uma princesa italiana tinha reavivado seu ânimo para a luta. “Resolvidos a pormos mão à obra”, De Simoni apresentava, assim, seu *Ramalhete poético do parnaso italiano* – como um ramalhete de flores para os noivos – destinado a animar o gosto da nação pela “língua de Dante, Petrarca, Ariosto, Metastásio e outros”.⁵⁷

Retomando o discurso setecentista de recuperação das glórias passadas, das antigas relações comerciais e políticas dos portugueses, que tanta influência tiveram “nos progressos da civilização moderna”, o prefácio considera a difusão do estudo do italiano entre a juventude como um elemento importante para o progresso da jovem nação. Portanto, sua obra de tradução tinha sido composta não como uma distração desinteressada, mas para perpetuar a memória do casamento imperial com “um monumento, que mais alguma coisa tenha em si que matéria e que fitos vulgares”.⁵⁸

A atuação de De Simoni na arte da tradução, encarada como uma missão capaz de auxiliar a nação no seu caminho para o progresso, não parece diferir muito de suas reflexões sobre a medicina, e a necessidade de medidas eficazes que resultassem também no progresso, da cidade, e da nação, por intermédio das melhorias sanitárias. O último parágrafo do prefácio do *Ramalhete* é dedicado a essa sua dupla atuação, na medicina e na literatura. Na usual retórica da modéstia, como convinha aos autores, ele escreveu:

*Não aspiramos ao título de literato, nem tal podemos ser no meio das ocupações continuadas da nossa profissão, que tanto tempo nos tomam; somos simplesmente um fraco, mas sincero amador das belas letras, e sobretudo da poesia, e com elas nos recreamos nas poucas horas vagas que nos ficam dos secos e pesados estudos que exige a arte médica, como outrora o fizeram com juízo e com sucesso Haller, Darwin, Armstrong, Fracastoro, Redi, Pignotti, Rasori e outros insignes médicos, lembrados de que o Deus da Medicina era filho do Deus das Musas.*⁵⁹

Na esteira da tradição do médico-escritor, De Simoni podia conciliar suas duas vocações. E até fazer com que trabalhassem, as duas, na mesma direção, num caminho que entendia como sendo de civilidade para a jovem nação.⁶⁰ Um projeto que não podia abrir mão de homens como ele.

Mas afinal seus dotes não parecem ter sido tão requisitados como De Simoni parecia esperar que fossem; ele de fato não alcançou posições de grande relevo para além de seu cargo de diretor-médico do Hospital da Misericórdia, nas décadas de 1850 e 1860, e de secretário perpétuo da Academia de Medicina. De resto, eram vedados aos estrangeiros alguns cargos importantes, como, por exemplo, o de professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, criada em 1832.⁶¹ E seus últimos anos de vida, mais particularmente, foram passados em meio a dificuldades financeiras⁶².

279

Embora a tradição do médico-escritor tenha chegado à atualidade – de que são exemplos Pedro Nava e Moacyr Scliar, para citarmos apenas dois entre os mais conhecidos no Brasil –, De Simoni terá sido um dos últimos representantes de toda uma geração oitocentista de médicos eruditos, com vasta e sólida formação humanista. Aos poucos, o médico erudito do passado foi sendo substituído por um novo modelo, o do médico especialista. Além disso, ao longo do século XX, a mistura entre literatura e medicina ficou cada vez mais rara, e até problemática.⁶³ Pedro Nava, numa entrevista concedida em 1981, tratando da mistura desses campos, queixou-se de preconceito contra o médico-escritor: “A musa faz mal aos doutores e o médico não é levado a sério quando o consideram um literato ou manifesta qualquer superioridade intelectual flagrante”. E, como que para não deixar dúvida, disse: “Este preconceito existe e foi usado contra mim”.⁶⁴

De Simoni morreu em 1881, sem que qualquer uma de suas obras tenha alcançado grande reconhecimento, para além de suas famosas traduções de óperas. Em meados do século XIX, estava no auge de sua atuação, como médico, e como autor. Mas, na verdade, a tradição médico-literária teria cada vez menos espaço no campo literário. E, por outro lado, a moda de recitar poemas, embora tenha tido uma vida longa, em breve seria considerada como beletrismo, um discurso rebuscado e vazio, uma atividade literária de segunda ordem. Enquanto isso, a medicina ganhava terreno como discurso científico especializado, objetivo e sem floreios.

A morte de De Simoni, já velho e afastado de suas atividades, parece ter passado quase despercebida, ou pelo menos não ficou nos *Annaes* nenhum registro de homenagem – ou necrológios, como ele próprio fez para vários dos sócios falecidos –, a não ser por duas pequenas notas. Uma delas trazia um comentário do novo secretário-geral da Academia, na reunião de 4 de julho de 1883, dois anos depois de sua morte: “Completamos hoje 54 anos de existência. A simplicidade e a grandeza deste fato nos encham de prazer, mas daqui a pouco se há de ouvir a voz eloquente de um

escritor erudito dizer que o último representante dos fundadores desta Academia deixou de viver”. Em seguida o texto diz: “Era com efeito o Dr. Luís Vicente de Simoni o único representante que existia de um pequeno grupo de médicos que em 30 de junho de 1829 fundou nesta cidade a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro”.⁶⁵

Notas e referências bibliográficas

Anita Correia Lima de Almeida é doutora em História Social (UFRJ) e professora do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: anita.correialima@gmail.com

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais portugueses, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto HC/0121/2009, Tratado médico sobre o clima e enfermidades de Moçambique, coordenado por Eugénia Rodrigues, no Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

- 1 Ver nota biográfica nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, ano 7, p. 51-52, 1851-1852.
- 2 *Annaes Brasilienses de Medicina*, ano 7, p. 51-52, 1851-1852.
- 3 Sobre a atuação de De Simoni em Moçambique, ver RODRIGUES, Eugénia. Alimentação, saúde e império: o físico-mor Luís Vicente de Simoni e a nutrição dos moçambicanos. *Arquipélago-História*, 2ª série, IX, p. 617-656, 2005.
- 4 Ver verbetes sobre De Simoni em BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. V, 1899. p. 473-481; SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. 5º, 1860. p. 334-339. Ver também o necrológio publicado no *Almanak administrativo, mercantil e industrial* [...] para 1882. Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1882. p. 61. No *Almanak Laemmert*, nas informações sobre a Santa Casa, seu nome aparece com o cargo de “Diretor de estatísticas médicas do Hospital e enfermarias públicas”, entre os anos de 1853 e 1866. Ver ainda, sobre a trajetória de De Simoni, o *Diccionario histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Fiocruz. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/simoni1.htm>>.
- 5 O primeiro número do *Almanak Laemmert* (1843-1844) informava que De Simoni era o médico do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco de Paula, e o do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, além de figurar na lista dos médicos da Santa Casa, ao lado de Jobim. *Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro*, para o ano [...] de 1844. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. p. 198, 200 e 192, respectivamente.
- 6 Sobre as sociedades médicas do Rio de Janeiro, no século XIX, e os processos de institucionalização da medicina, ver FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. A sociedade de Medicina e cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. IV(3): 475-491, nov. 1997, fev. 1998 [online].
- 7 DE SIMONI, L. V. Memoria sobre o fim para que serve a adherencia do pericárdio ao diaphragma. Manuscrito. Academia Nacional de Medicina (Rio de Janeiro). Biblioteca, pasta MT003, memória M-073.
- 8 Sobre jornalismo médico ver FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 11 (suplemento 1): 93-107, 2004 [online]. Também consultamos o texto da comunicação de Monique de Siqueira Gonçalves. A imprensa médica carioca em meados do século XIX: epld.ias e combates na busca da legitimação sócio-profissional. In: *Atas do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2007*. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0700.pdf>>.
- 9 BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. V, 1899. p. 473. Para o exame da produção literária, e no campo da tradução, de De Simoni, ver KÜHL, Paulo Mugayar. Luiz Vicente De-Simoni e uma pequena poética da ópera em português. *Rotunda*, n. 3, p. 36-48, 2003; e HEISE, Pedro Falleiros. Um tradutor italiano no Brasil do século XIX e suas considerações sobre o ato de traduzir. *Revista de Letras*, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2009 [online].
- 10 DE SIMONI, L. V. *Gemidos poeticos sobre os tumulos*. Rio de Janeiro: Typ. De J. Villeveuve, 1842.
- 11 Id.. *Ramalhete poético do parnaso italiano*, efferecido a SS. MM. II. o Senhor D. Pedro Segundo, Imperador do Brazil, e à Senhora D. Thereza Christina Maria, Imperatriz, sua augusta esposa, na ocasião do seu faustissimo consorcio. Rio de Janeiro: [Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C.], 1843.
- 12 ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organizado por Raimundo Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. Citado em FIALHO, Sylvio Abreu. *De Simoni, o secretário perpétuo – Memórias históricas da Academia Nacional de Medicina*. Rio de Janeiro, 1977. p. 35. Original datilografado.
- 13 Ver o estudo sobre os poemas laudatórios, no tratado de medicina Erário Mineral (1735), do cirurgião Luís Gomes Ferreira: MUZZI, Eliane Scotti. Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao erário mineral. In: FERREIRA, L. G. *Erário mineral*. Edição organizada por Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 1, 2002. p. 31-43. Sobre o processo de especialização das academias na América Portuguesa, ver KANTOR, Iris. *Esquecidos e renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo: Hucitec, Salvador: UFBA, 2004.
- 14 Sobre Lima Leitão, ver SALGADO, Abílio José. António José Lima Leitão (1787-1856). *Médico, escritor e maçom* (obra e posicionamento político). Estudos em homenagem a Luís António Oliveira Ramos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 941-947; FIGUEIREDO, João Manuel Pacheco de. A vida acidentada do físico-mor Lima Leitão Mestre de Medicina em Goa e em Lisboa. Separata da *Revista O Médico*, n. 490, 1961; e, ainda, BASTOS, Cristiana. Corpos, climas, ares e lugares: autores e anônimos nas ciências da colonização. In: BASTOS, C., RENILDA, B. (Org.) *A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa: ICS, p. 27-29.
- 15 Ode saphica em latim e vulgar, pelo doutor Luiz Vicente De-Simoni, na solemne instalação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. *Annaes de Medicina Brasiliense*, ano 2, p. 19-20, 1846-1847.
- 16 Sessão pública de instalação em 24 de abril de 1830. Boletim da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Extrato das Actas. *Semanario de Saude Publica*, n. 11, p. 1, 1831.

- 17 Sobre as transformações do conceito de saúde pública, na passagem do século XVIII para o XIX, ver ROSEN, George. *Da polícia médica à medicina social: ensaios sobre a história da assistência médica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- 18 EDLER, Flavio. A medicina acadêmica imperial e as ciências naturais. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Ciência, civilização e império nos trópicos*. Rio de Janeiro: MAST, UERJ, 2000. p. 99. Ver também, do mesmo autor, *A medicina no Brasil Imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- 19 Ver EDLER, Flavio. Panorama da medicina e da farmácia no século XIX. In: *Boticas & farmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. p. 60-1. Sobre a medicina higienista e o controle ambiental do espaço urbano ver também FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução: José Francisco Xavier Sigaud e a tradução local do higienismo. In: SIGAUD, J.-F.-X. *Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império*. Apresentação à edição brasileira de Ângela Pôrto e Ana Maria Galdini Raimundo Oda. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
- 20 DE SIMONI, Luís Vicente de (LVS). Sobre o estado anti-higiênico da Cidade do Rio de Janeiro [...], s.d., 10 p. Biblioteca Nacional. Manuscritos, cota I-07, 05, 020, n. 004.
- 21 Id., *ibid.*.
- 22 Id., *ibid.*.
- 23 Id., *ibid.*.
- 24 Id., *ibid.*.
- 25 Id., *ibid.*.
- 26 Sobre a perseguição às práticas terapêuticas populares, e ao que é considerado charlatanismo no século XIX, ver PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11s1/03.pdf>>.
- 27 LVS. *A polícia e a limpeza*. Biblioteca Nacional, cota I-07, 05, 020, n. 004.
- 28 *Ver Posturas da Camara Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1830.
- 29 LVS. *Poesias satyricas pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni*. Biblioteca Nacional. Manuscritos, cota I-07,05,020, n. 039.
- 30 Ver o verbete sobre João José de Carvalho em BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. III, 1899. p. 459-60. No verbete, há referência à polêmica do médico com De Simoni. *A Gazeta dos Hospitais* foi editada por Carlos Luiz de Saules (1824-1880). Médico da Santa Casa, Saules também foi autor de textos literários, compôs ainda bem jovem o drama histórico em cinco atos Manoel Beckman, publicado em 1848, e representado pelo ator João Caetano. Ver BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. II, 1893. p. 84-85.
- 31 Há também “Aria do Dr. Carvalho” e “Novo methodo de curar moléstias com choque”, no mesmo maço das “Poesias Satyricas”, que parecem igualmente dedicadas ao Dr. Carvalho, na ocasião da polêmica. E há ainda outras composições de sátira ao charlatanismo nos escritos de De-Simoni, como um Soneto, e o poema *O Doutor do Pinheiral*.
- 32 LVS. *O Doutor feito em Rostock*. Poesias satyricas [...]. Biblioteca Nacional. Manuscritos, cota I-07,05,020, n. 039.
- 33 Descrição da circulação pelo Dr. De Simoni. *Annaes Brasilienses de Medicina*, ano 8, p. 90-91, 1852-1853.
- 34 Ver nota biográfica publicadas nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, ano 7, p. 26, 1851-1852.
- 35 SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 39.
- 36 BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1971.
- 37 De Simoni traduziu um trecho de Manzoni em seu *Ramalhete Poético*. Na nota biográfica que escreveu para Manzoni menciona “Os prometidos para casar” (Os noivos), descrito como história milanesa do século XVII em que, “com mui belo estilo descreve a vida camponesa da Lombardia”, sem fazer, no entanto, referência ao relato da peste.
- 38 Cf. SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 115-117.
- 39 *O cholera-morbus*: pequeno poema de M. Barthelemy, traduzido e dedicado à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1832.
- 40 Moacyr Scliar, no livro *A paixão transformada*: história da medicina na literatura (São Paulo: Companhia das Letras, 1996), reuniu e comentou um conjunto de textos sobre medicina produzidos ao longo da história. Para uma análise das perspectivas teóricas no campo dos estudos sobre medicina e literatura, ver CARLINO, Andrea; WENGER, Alexandre (Org.). *Littérature et médecine: approches et perspectives (XVIe-XIXe siècles)*. Genève: Droz, 2007.
- 41 Cf. SCLiar, Moacyr. *Do mágico ao social*: trajetória da saúde pública. São Paulo: SENAC, 2005.
- 42 MAJOR, Ralph H. *A history of medicine*, v. 1. Springfield, Illinois: C. C. Thomes, 1954. p. 377.
- 43 SCLiar, Moacyr. *Do mágico ao social*: trajetória da saúde pública. São Paulo: SENAC, 2005. p. 32.
- 44 Relatório dos trabalhos da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e seu estado, durante o ano acadêmico de 30 de junho de 1868 a 30 de julho de 1869. *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, n. 3, ago. 1869.
- 45 Relatório dos trabalhos da Academia Imperial de Medicina [...], 1868-1869. *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, n. 3, ago. 1869.
- 46 Relatório dos trabalhos da Academia Imperial de Medicina [...], 1868-1869. *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, n. 3, ago. 1869.
- 47 DESIMONI, Luiz Vicente. Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados. Publicado originalmente na *Revista Medica Fluminense* (ano V, n. 6, p. 241-62, set. 1839), o texto recebeu uma edição crítica em ODA, Ana Maria Galdini Raimundo, DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, v. VII, n. 1: 128-159, 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=233017778013>>.
- 48 DESIMONI, Luiz Vicente. Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados [...] p. 151.

- 49 Ver MOTTIN, Antonio, CASOLINO, Enzo. Luigi Vincenzo de Simoni, naturalista, médico e umanista. In: *Italianos no Brasil: contribuições na literatura e nas ciências, séculos XIX e XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 198.
- 50 LVS. O voto do anjo da inocência. In: *Ramalhete poético do parnaso italiano, efferecido a SS. MM. II. o Senhor D. Pedro Segundo, Imperador do Brazil, e á Senhora D. Thereza Christina Maria, Imperatriz, sua augusta esposa, na ocasião do seu faustissimo consorcio*. Rio de Janeiro: [Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C.], 1843, p. 7-14.
- 51 LVS. O Zéfiro da Itália. In: *Ramalhete poético [...]*. Soneto V.
- 52 LVS, *ibid.*. Soneto VIII.
- 53 LVS. O voto do anjo da inocência. In: *Ramalhete poético [...]*, p. 7-14.
- 54 LVS. Prefação. In: *Ramalhete poético [...]*, p. I.
- 55 LVS, *ibid.*, p. II.
- 56 LVS, *ibid.*, p. III.
- 57 LVS, *ibid.*, p. V.
- 58 LVS, *ibid.*, p. VI.
- 59 LVS, *ibid.*, p. V. Asclépio, deus da medicina na mitologia grega (ou Esculápio, na versão latina), era filho de Apolo, deus da poesia e da música.
- 60 Sobre poesia didática, ver a análise do jornal *O Patriota* em ALCIDES, Sérgio. O lado B do neoclassicismo luso-brasileiro: patriotismo e poesia no “poderoso império”. In: KURY, Lorelai (Org.). *Iluminismo e império no Brasil: o patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- 61 Sobre as pretensões de Sigaud e a impossibilidade de participar do concurso para a cadeira de medicina legal na recém-criada Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ver FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução: José Francisco Xavier Sigaud e a tradução local do higienismo. In: SIGAUD, J.-F.-X. *Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império*. Apresentação à edição brasileira de Ângela Pôrto e Ana Maria Galdini Raimundo Oda. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 20-1. Sobre as transformações da elite médica no final do século XIX, ver SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- 62 Ver FIALHO, Sylvio Abreu. *De Simoni, o secretário perpétuo – memórias históricas da Academia Nacional de Medicina*. Rio de Janeiro, 1977. Original datilografado.
- 63 Sobre as dificuldades, e as perspectivas futuras, de compartilhamento entre o discurso médico e o literário, ver SCLIAR, Moacyr. Literatura e medicina: o território partilhado. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 16 (1): 245-248, jan.-mar. 2000 [online]. Para um estudo da medicina na sua dimensão narrativa, ver LOLAS STEPKE, Fernando. *La medicina como invención narrativa*. Bol Of Sanit Panam 114 (1): 49-56, 1993.
- 64 Citado por VILLAÇA, Cristina Ribeiro. *Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). UFF, 2007. p. 24.
- 65 *Annaes de Medicina Brasileira*, ano 36, n. 3, 1884.

[Recebido em Fevereiro de 2013. Aprovado para publicação em Abril de 2013]